MODA INCLUSIVA: DESIGN UNIVERSAL APLICADO AO CALÇADO

INCLUSIVE FASHION: UNIVERSAL DESIGN APPLIED TO SHOES

Regina Lara Silveira Mello[1], Renata Tesoni Reis[2]

Abstract *— The article presents a study carried out on individuals with the lower limbs asymmetry, analyzing the handicapped integration possibilities in the fashion design of shoes. These people have height difference between the legs because they had an illness, accident or genetic complications, and their shoes need specific adaptations. Stores of orthopaedic shoes and welfare institutions were visited in order to know the products and understand projective questions about design. Initial results directed the search to a female audience, qualitative interviews with users reported discontents about the market shoes, and also allowed their own shoes were analyzed and photographed. The interviews underline the high cost of shoes, unsightly and not very functional. But fundamentally reveal the stigma and the prejudice, emphasizing the importance to disseminate information to promote inclusion in fashion through the Design. The study followed the Search Code of Ethics (CONEP).*

Index Terms — Fashion, Shoes, The lower limbs asymmetry, Universal Design.

INTRODUÇÃO

Compreender o papel do designer em relação à inclusão de usuários em potencial de determinados produtos é essencial ao processo resolutivo de questões enraizadas na sociedade, que a impedem de extinguir o preconceito em relação ao deficiente físico. Devem-se buscar mudanças para afastar o prejulgamento em relação ao diferente, daqueles que possuem deficiência ou redução motora, e lutar para que o estigma seja cada vez mais dissolvido na sociedade.

A pesquisa procura identificar a relevância cultural e social da moda reconhecendo as notáveis mudanças que vem afetando os sapatos desde meados do século XIX, quando houve uma considerável alteração na vida das mulheres e na sua maneira de se vestir. Exercendo seus direitos individuais, as mulheres acabaram com a moda de vestuário que as apertavam e lhes inibiam os movimentos em favor da "saúde, do conforto e da beleza", o que inclui os calçados [1]. Foram desenvolvidos estudos de ergonomia dos pés, bem como de mobilidade e comportamento, porém os calçados destinados às mulheres com diferença de altura entre os membros inferiores não acompanharam a evolução da moda e do design. Masculinizados, brutos e inseguros são algumas das características atribuídas pelas usuárias quando perguntadas sobre a qualidade dos sapatos.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) informa em pesquisa realizada em 2001 que 22,9% da população vivem com alguma redução por diversas causas [2]. Parte deste grupo é o público alvo desta pesquisa, as pessoas que possuem dismetria nos membros inferiores, ou seja, uma perna maior que a outra, causadas por acidentes, doenças congênitas ou adquiridas como a poliomielite. Buscou-se estudar as terminologias e definições relativas à deficiência, compreender os estigmas derivados da relação interpessoal, bem como a metodologia de projeto que envolve o design do calçado.

METODOLOGIA

Consultas a livros e artigos científicos foram feitas concomitantemente a pesquisa de campo. Abordagens na área da moda, ortopedia, deficiência física, resiliência, estigma, literatura estrangeira e brasileira contribuiram ao presente trabalho.

Foram realizadas entrevistas qualitativas com três mulheres portadoras de dismetria entre os membros inferiores, seguindo o Código de Ética e Pesquisa da CONEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa).

As principais lojas especializadas em calçados ortopédicos de São Paulo foram visitadas para conhecimento das dificuldades enfrentadas pelas mulheres com dismetria na compra de um calçado ou palmilhas com compensação de altura, como o custo, a necessidade de prova dos calçados (um sapato feito na medida exige da usuária que experimente o modelo por algumas vezes em diferentes momentos) e a total falta

[1] Regina Lara Silveira Mello, Doutora em Psicologia, Mestre em Artes e Designer, Professora Pesquisadora Integral da Universidade Presbiteriana Mackenzie, Rua Piauí, 129, apto 93, cep 01241-001, São Paulo, SP, Brasil, reginalara.arte@gmail.com
[2] Renata Tesoni Reis, Designer, Universidade Presbiteriana Mackenzie, Rua da Consolação, 930, cep 01302-907, São Paulo, SP, Brasil, renatatesoni@hotmail.com

DOI 10.14684/WCCA.8.2015.317-321
© 2015 COPEC

de opção em relação à moda. Ao longo da pesquisa, sapateiros indicados pelas usuárias também foram visitados, auxiliando a compreender a fabricação de um sapato especial.

ESTIGMA, RESILIÊNCIA, NORMALIDADE E DEFICIÊNCIA

As relações humanas revelam particularidades que incomodam ou agradam dependendo das características daquele com quem se convive. Vínculos de amizade, relacionamentos amorosos, sexual ou de trabalho são marcados pela diversidade a partir do convívio social. A maneira como lidamos com a singularidade pessoal revela características diretamente relacionadas a princípios, educação e valores.

Além de questões psicológicas, do desejo de ser inserido, fazer parte da sociedade, características físicas também fazem parte da jornada para ser aceito em grupos sociais. A desinformação, a incompreensão ou ignorância, é a grande precursora de atitudes de preconceito desenvolvidas no processo de socialização, fruto da cultura e sua história: "... *tanto o processo de se tornar indivíduo, que envolve a socialização, quanto o do desenvolvimento da cultura têm se dado em função da adaptação à luta pela sobrevivência, o preconceito surge como resposta aos conflitos presentes nessa luta."* (CROCHIK apud SILVA) [3].

Não estar de acordo com as normas é torturante e pode tornar o torturado um resiliente. A palavra resílio vem do latim, *re+salio*, expressão que significa *ser elástico*, ou seja, é uma metáfora que revela a forma como respondemos às dificuldades enfrentadas, através do positivismo em oposição às palavras e ideias repressoras [4].

Segundo Goffman, indivíduos rotulam uns aos outros sem se conhecerem, podendo interpretar de forma a estigmatizar o outro, e desconhecendo sua identidade real, enxergá-lo como diferente. Indivíduos com algum tipo de deficiência podem esconder um defeito físico para evitar o descrédito ou a falta de habilidades físicas numa tentativa de fugir do estigma [5].

Segredos íntimos, defeitos camuflados, angústias não dissolvidas fazem parte do ser humano que é capaz de enxergar o próprio problema e esquecer que as dificuldades dum estranho fazem parte das suas, já que somos dependentes uns dos outros quando estamos em sociedade. A degradação do outro, degrada a nossa própria dimensão humana, segundo Kehl [6].

A cultura constrói padrões sociais como hábitos, crenças, leis, valores morais, aspectos essenciais à definição da normalidade. Mas afinal, o que é ser deficiente? Segundo o dicionário da língua portuguesa a palavra *normal* (adjetivo), significa *"de acordo com as normas; que é habitual; comum"* [7]. Na Idade Média, ser deficiente físico implicava no isolamento dos indivíduos nestas condições. Fora do convívio social, continuaram obrigados a permanecer assim durante o Renascimento até a Idade Moderna, quando surgiram às primeiras instituições especializadas em atender este público, assim como o avanço tecnológico com foco nas ciências naturais provocaram o desenvolvimento de tratamentos médicos [2].

Entretanto, a necessidade de inclusão deste indivíduo só começou a ser realmente configurada na década de 1970 com a promulgação da Declaração dos Direitos das Pessoas Deficientes na Assembleia-Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), em dezembro de 1975. O indivíduo com atipicidade de funções psicológica, fisiológica ou anatômica que impossibilite um ser humano de realizar atividade é considerado *deficiente*, ou seja, fora do padrão normal, segundo o Decreto de lei do Governo Federal Brasileiro Nº 3.298/1999, art. 3º [8].

MODA, COMUNICAÇÃO E DESEJO

Moda e indumentária são formas de comunicação não verbal, análogas à linguagem falada ou escrita. Segundo Barnard, a roupa transmite uma mensagem intencional sobre o usuário, ou pode ser a expressão do estilista que a desenhou, causando um efeito em quem a recebe, proporcionando uma comunicação. A linguagem se estabelece provocando uma interação social, constituindo o indivíduo como membro de um grupo. Suas vestimentas o caracterizam e revelam o grupo a que pertence [9].

Proteção, camuflagem, pudor e exibicionismo são formas de comunicação social e cultural que distinguem a roupa em funções específicas. A necessidade física de amparo; pudor e encobrimento, quando partes do corpo humano são consideradas indecentes e não devem ser vistas; impudor e atração, que faz referência ao exibicionismo, a atrair atenções ao corpo. Pensando a moda como expressão individual, pessoas se diferenciam usando roupas raras, muito antigas ou novíssimas, produzidas em massa ou exclusivas. Barnard afirma que "as pessoas emitem comumente julgamentos a respeito da importância e do status das outras com base no que estão vestindo" [9].

As leis do período Tokugawa, no Japão, por exemplo, determinavam a fibra das sandálias que cada classe social deveria usar.

"Desejar está relacionado diretamente a querer aquilo que nos falta como indivíduos socioculturais", segundo Roncoletta [10]. Calçados, por exemplo, são objetos de moda que trazem valores, identidade, proporcionam prazer quando são adquiridos, usados e exibidos. Pode-se classificar o prazer relacionado ao objeto em quatro categorias: físico, social, psicológico e ideológico. O físico está associado ao objeto e suas conexões com os órgãos sensoriais. O prazer social diz respeito à relação entre vários indivíduos e o objeto. O psicológico combina as reações emocionais e cognitivas da pessoa em relação ao objeto, "refere-se ao prazer da mente em realizar tarefas relacionadas à usabilidade e compatibilidade". E por fim, o prazer ideológico relacionado à estética e ética de determinada cultura [10].

O fazer ver, tornar-se visível ao outro é um meio de estabelecer relações e para obter o "reconhecimento do sujeito como integrante de um sistema de relações e práticas sociais, buscamos referências no estudo das modalidades que estruturam o complexo regime de visibilidade" [11]. A luta por aceitação se faz presente na moda. Provocar desejo, esconder o que não se pretende expor, se ver incluído em algum grupo social pela indumentária traz satisfação e afasta angústias geradas pela exclusão. Os signos e simbolismos impregnados na linguagem das roupas fazem parte desta batalha pela inserção.

PARÂMETROS AO DESIGN INCLUSIVO

Além do simbolismo de uma peça de vestuário, o bem-estar também é importante à moda. Nos calçados o salto alto é ícone reconhecido de sensualidade e feminismo, porém alvo de discussões quanto ao conforto dos pés e influência postural. Elemento essencial ao público feminino que se relaciona com a moda de forma profunda, considerada fator de inserção social, grande responsável pelo bem-estar e autoestima.

No caso das mulheres com dismetria, as adaptações num calçado de salto alto, além do elevado custo, envolvem questões de segurança, pois quanto mais alto for o salto, mais instável sobre ele a mulher estará, aumentando a probabilidade de queda. Compreende também o bem-estar, item associado à fadiga e ao cansaço, dependendo da altura do salto não é possível manter o conforto.

O público estudado possui restrições de uso dos calçados, pois são pessoas com mobilidade reduzida ou com dificuldade ambulatória parcial, ou seja, sentem dificuldades ao executarem determinados movimentos precisando de aparatos ortopédicos como muletas ou bengalas, entre outros. Conforme inferimos, algumas mulheres possuem dismetria nos membros inferiores devido a acidentes onde perderam os movimentos das articulações do tornozelo, o que as impossibilita o uso de um calçado de salto muito alto. Devido a estas especificidades, o calçado ideal para que o conforto seja mantido, tem o salto de no máximo quatro cm, onde a distribuição do peso corporal é quase a mesma, 57% na frente, a altura do metatarso, e 43% no calcanhar.

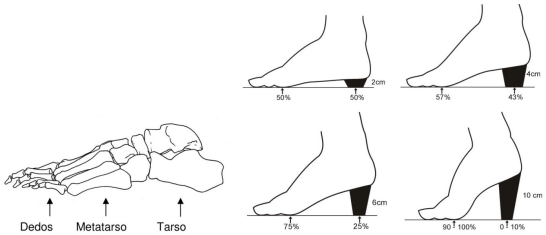

IMAGEM1
DISTRIBUIÇÃO DO PESO CORPORAL SOBRE O SALTO DO SAPATO [12]

O usuário é peça fundamental para que resultem produtos inclusivos. Uso igualitário, simples e intuitivo e de fácil adaptação do usuário, fácil comunicação que permite evitar acidentes através da tolerância ao erro (seguro), promoção de esforço mínimo durante o uso de um produto, dimensionamento correto do espaço, são itens que revelam a preocupação em se projetar de forma a incluir consumidores, e provoca no usuário um sentimento de inclusão, a sensação de que determinado produto também foi projetado para ele.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A primeira entrevistada, que será nomeada "**A**", mulher, acima de 50 anos, funcionária pública, nível superior completo (Doutorado), possui redução motora gerada pela diferença de 6cm entre os membros inferiores ocasionados por uma poliomielite aos 10 meses de idade. **A** sofre com problemas na articulação do joelho esquerdo, a mesma perna que sofreu encurtamento como consequência da doença.

Quando há necessidade de comprar um sapato, **A** o procura em lojas não especializadas, e busca um sapateiro para fazer diversas modificações, como no solado e na parte interna (palmilha), para que seja

possível utilizá-lo num processo que dura cerca de três meses. Um ótimo sapateiro a atendeu dos sete aos vinte anos, porém com o seu falecimento não encontrou outro que customizasse seus calçados com tamanha precisão. Como há poucos profissionais o custo é bem alto (aproximadamente R$160,00 em 2013). Na adolescência, fez também uso de botas nada atraentes, geralmente de cor preta, pesadas e masculinizadas. A estética do sapato era tratada como futilidade e diversas vezes **A** se questionou se o design do calçado era realmente desnecessário, se desejar um sapato bonito era simplesmente um capricho.

Além da dismetria, **A** não possui controle das articulações do joelho esquerdo e utiliza uma órtese, aparelho externo usado para auxiliar os movimentos pernas. [7]

IMAGEM 2
ÓRTESE DA ENTREVISTADA "**A**" [13]

IMAGEM 3
SAPATOS ADAPTADOS DA ENTREVISTADA "**A**" [1]

O aparelho faz o travamento de articulação e possui uma palmilha encaixada por dentro do sapato o que complica ainda mais a adaptação do calçado, pois deve comportar uma compensação de dois centímetros por dentro e dois por fora. É preciso também deixar uma folga para permitir o caminhar, que perde o movimento articulável do joelho quando caminha, precisando erguer a perna para andar. Muitas vezes durante a conversa, a entrevistada **A** foi enfática ao afirmar que "é preciso haver uma mudança de mentalidade social para que todos se sintam incluídos na sociedade".

A segunda entrevistada, que será nomeada "**B**", mulher, acima de 50 anos, funcionária pública, sem nível superior, possui redução motora gerada pela diferença de 9cm entre os membros inferiores ocasionados por uma poliomielite aos 7 anos de idade. **B** relata que somente aos 25 de idade obteve um calçado com compensação de altura. Neste caso, o encurtamento da perna ocorreu no osso do fêmur e **B** entrevistada atribui a doença à falta de informação e recursos na cidade em que viveu na infância, interior de Minas Gerais.

Seus sapatos são feitos atualmente por um sapateiro que cobra cerca de R$ 500,00 pelo sapato personalizado. A maior queixa está quanto ao modelo, que é sempre o mesmo. A peculiaridade está no modo como seu calçado foi solucionado, pois a compensação é toda feita na palmilha interna, não alterando o solado,

As queixas envolvem, além da estética, questões de falha de projeto, como o peso da palmilha que torna o esforço para caminhar bem maior.

IMAGEM 4
SAPATOS DA DA ENTREVISTADA "**B**" [13]

A terceira entrevistada, que será nomeada "**C**", mulher, acima de 50 anos, cabeleireira, classe média baixa, sem nível superior, possui redução motora gerada pela diferença de 7cm entre os membros inferiores ocasionados por uma paralisia infantil aos 8 meses de idade. **C** explica que a diferença entre os membros foi provocada por uma queda que resultou na fratura do osso fêmur. Ela usou um sapato com compensação até os 11 anos, quando fez uma cirurgia para prolongar o osso que sofreu encurtamento. **C** deixou de usar o sapato na adolescência, pois sua família não tinha conhecimento da gravidade do problema e desconhecia os recursos que poderiam ser utilizados para corrigi-lo. Aos 40 anos ela voltou a

calçar um sapato com compensação, quando as dores nas costas e joelho se agravaram bastante. **C** compra seus sapatos no mesmo sapateiro uma vez por ano, que cobra R$ 450,00 num sapato aberto e R$ 600,00 num fechado.

IMAGEM 5
SANDÁLIA DA ENTREVISTADA "**C**" [13]

Foi realizada, além das entrevistas, pesquisa de campo a lojas especializadas em calçados ortopédicos. Duas unidades de uma mesma empresa foram visitadas para compreender o processo de compra e fabricação dos sapatos. É necessário ter uma prescrição médica, preferencialmente de um ortopedista. É preciso agendar um horário com o técnico para produzir um molde em gesso do pé do cliente para fazer um sapato na medida em que ficará pronto entre 30 a 40 dias. Em relação ao design, há poucos modelos que permitem a compensação de altura: tenis ou sapatos fechados são os mais indicados, sapatilhas rasas não permitem estas adaptações. O custo (que pode chegar a R$2000,00) varia conforme o desnível, quanto maior os centímetros a serem compensados, maior é o preço do sapato.

CONCLUSÃO

Os dados coletados evidenciam a importância do design de produto. Os conceitos que caracterizam um objeto revelam seu público, época, tecnologias e cultura, e o profissional da área faz uso de artifícios de estrutura formal a fim de satisfazer o consumidor e suprir suas necessidades. A dificuldade de encontrar produtos adequados se agrava para pessoas de baixa renda, como as entrevistadas "**B**" e "**C**", que raramente compram sapatos devido ao alto custo dos mesmos.

Muito além da coleta de informações, o contato humano e direto com as entrevistadas revelou o sofrimento, gerado pela desinformação e preconceito, que acompanha tantas vidas. Comentário espontâneo como o fez uma das entrevistadas nesta pesquisa, ao lamentar o fato de algumas pessoas acreditarem que alguém nestas condições físicas é um ser assexuado. "É importante privilegiar a nossa capacidade de razão e consciência porque isso nos responsabiliza em relação a todos os seres humanos" (KEHL, 2004).

A pesquisa pretende ressaltar a importância de se pensar na existência do deficiente físico, nos indivíduos com redução motora que são usuários, consumidores que se sentem excluídos em diversos momentos, como no simples ato de comprar um calçado. O design universal tem o papel de contribuir na inserção de usuários em potencial no projeto de produtos. O artigo considera questões importantes no desenvolvimento de metodologias possíveis de serem aplicadas, que priorizem a inclusão de forma a satisfazer as necessidades e desejos de todos os consumidores.

REFERÊNCIAS

[1] O'KEEFFE, Linda. *Sapatos: uma festa de sapatos*. Miami: Könemann Verlagsgesellschaft mbH, 1996.

[2] CAMBIAGUI, Silvana. *Desenho universal - métodos e técnicas para arquitetos e urbanistas.* São Paulo: Senac, 2012.

[3] SILVA, Luciene M."O estranhamento causado pela deficiência: preconceito e experiência.". *Rev. Bras. Educ.,* Rio de Janeiro, v. 11, n. 33, Dec. 2006. Acesso em 10/05/2014. http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782006000300004.

[4] NORONHA, Maria Glícia Rocha da Costa e Silva et al . "Resiliência: nova perspectiva na promoção da saúde da família?" *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, Abr. 2009. Acesso em 30/03/2014. http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232009000200018.

[5] GOFFMAN, Erving. *Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.* Rio de Janeiro: LTC Livros técnicos e científicos, 2008.

[6] KEHL, Maria Rita et al. *Psicologia e direitos humanos: subjetividade e exclusão.* São Paulo: Casa do psicólogo, 2004.

[7] HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

[8] Presidência da República do Brasil/Casa Civil/Subchefia para Assuntos Jurídicos. *Decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999*. Acesso em 10/05/2014. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D3298.htma.

[9] BARNARD, Malcolm. *Moda e Comunicação.* Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

[10] RONCOLETTA, Mariana Rachel. *O desejo de mulheres portadoras de deficiencia física no design de calçados.* I Encontro Nacional de Pesquisa em Moda, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011. http://www.academia.edu/2506033/O_desejo_de_mulheres_deficientes_fisicas_no_design_de_calcados_por_Mariana_Roncoletta

[11] CASTILHO, Kathia. *Moda e linguagem*. São Paulo: Anhembi Morumbi Ltda, 2006.

[12] SBRT, Serviço Brasileiro de Respostas Técnicas, acesso em 18/05/2014, http://www.respostatecnica.org.br/acessoDT/301

[13] REIS, Renata Tesoni. *Fotos realizadas nas entrevistas*.